

Arqueologia preventiva na Baixinha de Coimbra: contributos para a história da cidade

*Arqueólogo,
Palimpsesto – Estudo
e Preservação do
Património Cultural, Lda.
geral@palimpsesto.pt

Nuno Silveira*
Dário Antunes*
João Nuno Marques*
Lília Basílio**

**Arqueóloga.
lilianetobasilio@gmail.com

Resumo O artigo apresenta resultados iniciais de uma intervenção de Arqueologia preventiva realizada no âmbito da reabilitação de um edifício de habitação localizado na Baixinha de Coimbra. O projeto serve de exemplo e de mote para refletir sobre o contributo deste tipo de intervenções para a investigação sobre a história da cidade de Coimbra.

Abstract The paper presents preliminary results of a preventive archaeological intervention carried out in the scope of the rehabilitation of a housing building located in Baixinha de Coimbra. The project is an example and a motto to reflect on the contribution of this type of interventions to the investigation of the history of the city of Coimbra.

1. Introdução

No âmbito da reabilitação do edifício 44–46 da Rua da Moeda, em Coimbra, desenvolveu-se uma intervenção de Arqueologia com objetivos de salvaguarda e de registo das características e história construtiva do edifício existente. Os trabalhos integraram assim, acompanhamento do desmonte de rebocos e de elementos construídos pré-existentes, seguidos de sondagens e escavação a cota negativa.

O estudo resultou na identificação de estruturas que evidenciam um espaço construído que transpôs diferentes épocas, onde se foram anulando, integrando e readaptando, estruturas mais antigas em progressivas reformulações. Destacam-se dois vãos e duas calçadas sugerindo a presença de uma via ocupando parte da parcela em estudo, e dois paramentos, integrando arcos quebrados, cuja organização sugere a presença de um edifício que se desenvolveria para oeste do atual.

A sobreposição de estruturas e depósitos, contendo materiais que recuam as dinâmicas registadas até ao século XVII, demonstram as transformações urbanas nesta zona da cidade, nomeadamente o significativo alteamento das cotas de circulação, e a importante reorganização dos espaços construídos e dos espaços de circulação pública.

Para além do contributo para história dos edifícios e do urbanismo antigo de Coimbra, estas intervenções constituem uma oportunidade única para o registo estratigraficamente contextualizado, de técnicas e soluções construtivas, essenciais à compreensão das dinâmicas e práticas de construção pretéritas, informação significativamente ausente de outros registos históricos.

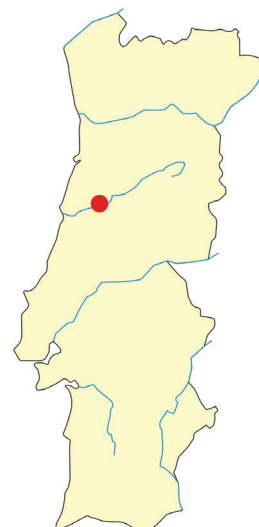
2. Enquadramento histórico

O edifício intervencionado integra-se na Baixa de Coimbra, área de profundidade histórica, sensibilidade patrimonial e arqueológica significativas, desde logo atestadas pela sua integração na zona tampão da área classificada como património mundial da UNESCO.

A Rua da Moeda (Fig. 1) é uma artéria estreita, de orientação este-oeste, que liga o Largo das Olarias à atual Praça 8 de Maio, fronteira ao Mosteiro de Santa Cruz. Segundo



Fig. 1 – Localização da área de intervenção.



- Coimbra
- Mosteiro de Santa Cruz
- Praça 8 de Maio
- Avenida Central
- Edifício Intervencionado
- Largo das Olarias
- Traçado da Runa
- Traçado da Ribela
- Rua da Sofia
- Rua da Moeda
- Rua da Louça
- Rua do Corvo

vários autores, esta instituição, instalada no lugar dos “Banhos Régios” desde a primeira metade do século XII, terá desempenhado um papel preponderante na definição das formas de ocupação de espaços extramuros da cidade, nomeadamente da encosta da Ribela — onde a presença da cerca mesteiral limitará a expansão urbana até ao início do século XIX (Macedo, 2006) —, da base de Montarroi — onde, no século XVI, promoverá a abertura e construção da Rua da Sofia (Lobo, 2006; Rossa, 2001) — e do espaço fronteiro à sua Igreja (Rossa, 2001; Alarcão, 2008). No que respeita a este último, a documentação demonstra a aquisição de edifícios e a ação construtiva do Mosteiro, que poderá ter resultado na concretização de um urbanismo regular, ainda hoje testemunhado pelo traçado retilíneo das ruas da Moeda, da Louça e do Corvo, que compõe a designada “Baixa

Crúzia”, empreendimento atribuível ao século XIII (Rossa, 2001, pp. 465–472).

Estas três ruas são atualmente delimitadas por edifícios tendencialmente estreitos, que se desenvolvem no sentido norte-sul, formando fachadas compactas e ocupando a totalidade dos lotes em profundidade (Fig. 1). Ainda hoje os pisos térreos são ocupados, sobretudo, por comércio, com os pisos superiores destinados a habitação. Em tempos, os primeiros seriam igualmente ocupados por oficinas e pequenas indústrias.

A Rua da Moeda é referida em documentação do século XIII como *vico monete*, o que se poderá relacionar com a presença de moinhos ou de uma oficina de cunhagem de moeda (Alarcão, 2008, p. 186). Já os registos de propriedade do século XIV identificam, nesta rua, a existência de uma adega, uma estrebaria e um palheiro do Rei, assim como de um espaço de banhos (Trindade, 2002, p. 155).

Caracteriza ainda esta artéria o facto de os edifícios da fachada norte serem marcados, a tardoz, pela presença de uma infraestrutura de cronologia antiga. Trata-se da Runa (Fig. 1), construção que encana o curso de água da Ribela entre o limite da cerca do Mosteiro de Santa Cruz e o Rio Mondego, onde desagua. O facto deste troço da linha de água correr numa zona profundamente urbanizada, terá

contribuído para a sua deterioração, o que associado à abertura da Rua da Sofia, terá determinado o seu encanamento, promovido pelo próprio Mosteiro de Santa Cruz, no século XVI (Rossa, 2001, p. 682; Alarcão, 2008, p. 186).

Embora substancialmente por publicar, os trabalhos de Arqueologia preventiva das últimas décadas têm confirmado o potencial arqueológico da Baixinha, demonstrando uma dinâmica de longa ocupação, feita de de contributos antrópicos e naturais, que permitiu conservar, sob potentes níveis de aterro e sedimentação e sob camadas de novas construções, vestígios relacionados com outras formas de construir e ocupar o espaço urbano (Neves, Basílio & Nunes, 2006; Ginja, 2008; Santos, 2009; Basílio & Almeida, 2010; Basílio, Ferreira & Dias, 2016; Basílio, 2016; Almeida & Silva, 2017).

3. Intervenção e resultados arqueológicos

O edifício intervenção, em avançado estado de degradação, correspondia a uma construção com quatro pisos, virada à Rua da Moeda, com fachada posterior sobre o limite do lote, confluyente com o espaço agora ocupado pela Avenida Central (Fig. 1).

Decorrente do estado de conservação do edifício, o projeto de reabilitação considerou somente a manutenção da fachada voltada à Rua da Moeda, assim como das paredes mearas leste e oeste. Ao nível do subsolo previa-se o rebaixamento geral da cota de circulação, em cerca de 50 cm, e a abertura de valas para construção de sapatas de sustentação da nova estrutura.

Os trabalhos de Arqueologia incluíram a caracterização detalhada do edificado existente, nomeadamente a documentação das características gerais do edifício relativamente à organização de espaços e formas de circulação, morfologia e tipologia de elementos arquitetónicos, materiais, técnicas e soluções construtivas utilizados, assim como da estratigrafia construtiva. Este registo foi feito em momento imediatamente anterior ao início da empreitada e no curso dos trabalhos de remoção de revestimentos e demolição de elementos construídos (Fig. 2).

Em momento subsequente foram abertas cinco áreas de sondagem de diagnóstico, num total

Fig. 2 – Exemplo dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos em fase de obra e escavação arqueológica.



de 14 m², coincidentes com as sapatas projetadas (Fig. 2).

Deste trabalho resultou, entre outros, a identificação do topo de uma estrutura linear, em alvenaria de pedra irregular, de orientação norte-sul, que integrava um arco quebrado, definido por elementos pétreos bem-afeiçoados (Fig. 3). Este achado viria a determinar a escavação em área da fração Norte da parcela, numa área total de 49 m², intervencionada até cerca dos 2,70 m de profundidade relativamente à cota de circulação atual.

Embora os resultados se encontrem ainda em análise, de entre as observações realizadas destacaram-se, desde logo, alguns elementos que permitem conjecturar a presença de edifícios anteriores, significativamente diferentes do atual, relacionáveis com fórmulas distintas de organização do espaço urbano.

Em primeiro lugar refira-se a identificação de dois níveis de calçada, em seixo rolado, um dos quais atravessando na íntegra, no sentido norte-sul, o espaço da intervenção (ue.501; ue.301), outro (ue.509) culminado numa parede de orientação este-oeste, localizada a cerca de 6 m da parede limite norte da parcela (ue.368). Os dois pavimentos acompanhavam uma parede de alvenaria de



Fig. 3 – Paramento integrando o arranque do arco, identificado na fase de sondagens arqueológicas.

pedra (ue.101; ue.204), que subdividia longitudinalmente o edifício atual, assim como a parede meeira este (ue.28), onde se identificaram dois vãos (ue.351) entaipados (ue.360) (Fig. 4).

A presença destas estruturas sugere que o espaço da intervenção, atualmente ocupado por um edifício, terá correspondido a dois lotes distintos, mais estreitos, de orientação norte-sul, separados pela parede que subdividia a construção atual. O lote este terá sido ocupado por um arruamento, interligando a

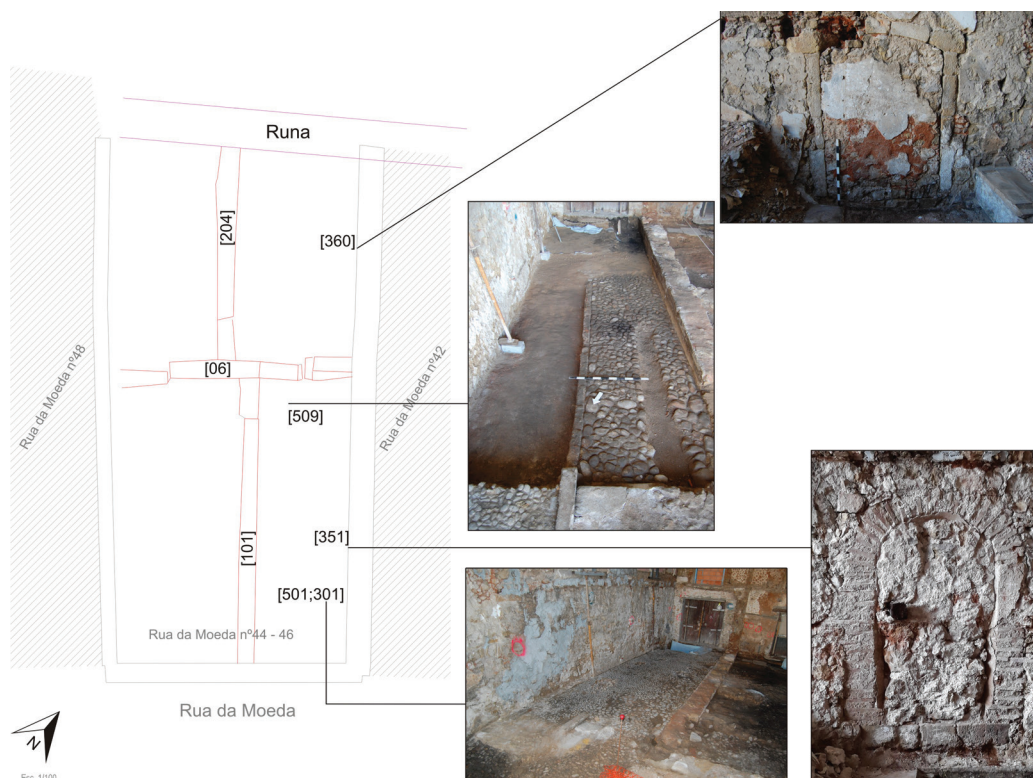
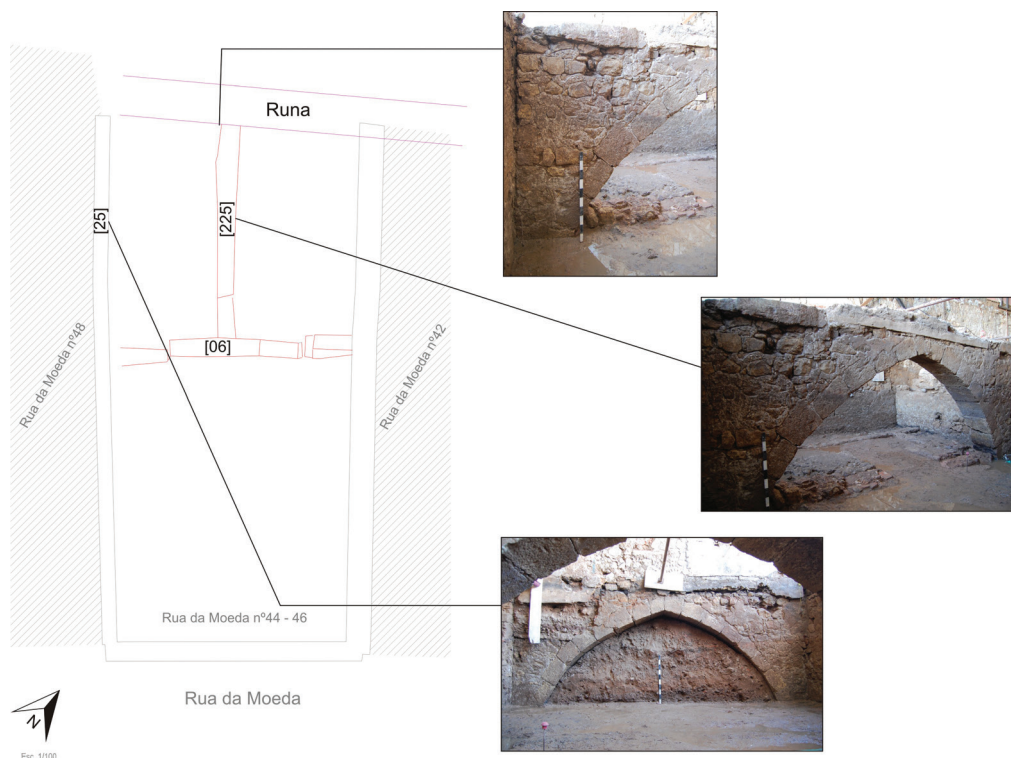


Fig. 4 – Esquema de localização das estruturas identificadas em fase de acompanhamento arqueológico.

Fig. 5 – Esquema de localização dos dois paramentos com arcos quebrados.



Rua da Moeda à zona de tardoz, anterior espaço de logradouro dos edifícios virados à Rua da Moeda e à Rua João Cabreira. Para este arruamento deveriam abrir os dois vãos identificados na parede meeira este, relacionados com o edifício lateral este.

A uma profundidade mais significativa, foram identificados dois panos de muro em alvenaria de pedra irregular (ue.225; ue.25), paralelos, de orientação norte-sul, ambos integrando arcos quebrados, definidos por elementos pétreos bem-afeiçoados. Estas duas estruturas sobrepunham-se a muros de orientação este-oeste, um dos quais, no extremo norte da parcela, correspondente a uma robusta estrutura em alvenaria de pedra argamassada, que se verificou tratar da Runa (ue.21) (Fig. 5).

A organização espacial destas estruturas, sugerem a existência de um edifício que ocuparia a totalidade da largura da parcela em estudo, desenvolvendo-se para oeste desta, o que coloca a possibilidade de um parcelário significativamente diferente do atual. A presença dos dois arcos coloca a possibilidade de este se tratar de um edifício distintivo, e embora o seu desenho remeta para uma cronologia tardo-medieval, a informação estratigráfica demonstra que estes elementos se

construíram em sobreposição à Runa, infraestrutura que a documentação disponível atribui ao século XVI (Rossa, 2001, p. 682; Alarcão, 2008, p. 186).

Embora não tenha sido possível escavar os níveis de fundação destas estruturas, as observações realizadas permitem determinar que foram parcialmente aterradas e integradas numa nova dinâmica de utilização do espaço, já limitada à parcela atual, e numa fase de ocupação integrável no século XVII, a julgar pelos materiais arqueológicos contidos nos aterros de colmatação.

De facto, as características do conjunto artefactual recuperado durante os trabalhos, não permitem a sua integração em cronologias anteriores ao século XVII, sendo que a maioria dos materiais corresponde a fragmentos de artefactos de uso doméstico, sobretudo recipientes cerâmicos, integráveis em cronologias dos séculos XVII, XVIII e XIX.

No que respeita a técnicas e soluções construtivas, a diversidade de aparelhos construtivos registados integra alvenarias em pedra, taipas de rodízio e taipas de fasquio, registando-se o uso de argamassas de cal e de argila, assim como a integração de chacota nos rebocos, prática já registada em edifícios da Baixinha (Basílio & Almeida, 2010). Em

processo de análise, este registo constitui um elemento essencial para a construção de uma base de informação, estratigraficamente contextualizada, sobre as características específicas das práticas construtivas da Baixinha ao longo do tempo (Fig. 6).

4. Discussão

As observações realizadas evidenciam uma continuidade de ocupações, que se podem recuar até ao século XVII, com estruturas a serem reutilizadas e adaptadas em épocas subsequentes à sua construção, incluindo algumas cuja cronologia de construção não foi possível determinar. Este longo processo de ocupação terá sido acompanhado pelo alçamento da cota de circulação, evidenciado pelos diversos conjuntos de depósitos de aterro intercalados por níveis de pavimento.

Efetivamente, a investigação histórica tem sugerido como inundações e enxurradas frequentes terão promovido, ao longo do tempo, a destruição da Baixinha e subsequente a necessidade de reconstrução dos edifícios (Soares, 2001), assim como a subida dos níveis de circulação (Soares, 2001; Rossa, 2001; Alarcão, 2008). Mas têm sido, de facto, as observações arqueológicas a permitir verificar os ritmos e a dimensão deste fenómeno, assim como as soluções construtivas e adaptações singulares de estruturas pré-existentes, a que os moradores da Baixinha tiveram que recorrer, por forma a manter a baixa da cidade habitável (Basílio, Ferreira & Dias, 2016; Santos, 2009; Neves, Basílio & Nunes, 2006).

Muitas vezes em relação direta com este contexto de destruição periódica da Baixinha, a documentação refere também a existência de azinhagas usurpadas ao domínio público para construção privada, nomeadamente através de aforamentos de zonas não construídas, onde o lixo se acumulava, como forma de recuperar a cidade (Soares, 2001, p. 223). Também a cartografia antiga evidencia, pontualmente, a presença de ligações entre as ruas principais e as zonas de logradouro dos edifícios entretanto desaparecidas.

No caso em estudo, a presença das calçadas e a relação com arruamentos e edifícios no seu entorno, permite propor a existência de uma azinhaga deste género, num local e tempo



específicos. A estratigrafia do local permite também verificar dinâmicas de ocupação complexas: espaços antes ocupados por construção, transformados em ruas que depois voltam a ser construídos.

A evidência arqueológica permite identificar e localizar de modo preciso estes fenómenos. Da sua integração e sequenciação temporal podem resultar propostas de cartografia urbana distintas das plasmadas nas plantas antigas da cidade, tantas vezes omissas de informação concreta sobre transformações do parcelário e da sua ocupação.

Já a possibilidade de um edifício organizado segundo um eixo este-oeste, que se prolongaria sobre a atual parcela a oeste, sugere a hipótese de parcelários antigos substancialmente distintos daqueles que têm vindo a ser propostos como característicos desta zona da cidade, desde a época tardo-medieval: longos e estreitos, com edifícios implantados face à rua (Trindade, 2002).

Também a possibilidade da presença de edifícios com características arquitetónicas distintas ou de exceção, permite reavaliar a história social e económica da Baixinha que se tem construído, de certa forma, em oposição à zona muralhada onde se instalaram os grupos sociais privilegiados (Rossa, 2001; Soares, 2001). O facto de a documentação apontar

Fig. 6 – Exemplos de técnicas e materiais de construção registados no decorrer dos trabalhos.

a existência na Rua da Moeda de propriedade régia com funções de estrebaria, adega e banhos (Trindade, 2002), permite conjecturar edifícios com características arquitetónicas que se destacassem do entorno, marcado pelo grosso da construção corrente. Não é aliás uma possibilidade singular, a julgar por outros vestígios, colocados a descoberto na Baixinha, igualmente no âmbito de trabalhos de Arqueologia preventiva, como a *loggia* identificada num edifício da Rua Nova (Basílio & Almeida, 2010), ou um edifício de grande dimensão, com varandas em cantaria, identificada no extremo oeste da atual Avenida Central (Basílio, Ferreira & Dias, 2016).

5. Considerações finais

Embora muitas vezes limitadas ao espaço de intervenção de um lote, e orientadas segundo uma estratégia de prevenção pelo registo, as intervenções de Arqueologia preventiva realizadas na Baixinha de Coimbra, têm funcionado como janelas de observação sobre o passado, ao colocar a descoberto informação essencial para o conhecimento da história das dinâmicas de ocupação e construção deste espaço. Estas evidenciam transformações rápidas e contínuas

do tecido urbano e das construções, muitas delas sem reflexo em outras formas de registo (cartográfico ou documental), pelo que constituem uma fonte essencial para contar a história da cidade, mesmo a mais recente. Nestes contextos, e enquanto disciplina da materialidade do passado, cabe à Arqueologia a possibilidade de abordar a história urbana a partir de vestígios diretos dos espaços e das práticas do quotidiano.

O conhecimento da cidade antiga será tanto mais rico quanto mais e melhores os contributos de diferentes contextos de investigação histórico, pelo que o cruzamento, confronto e complementaridade dos registos e abordagens será sempre o desejável e o futuro da investigação. Ainda assim, num momento de profunda renovação dos centros históricos, aos quais, de modo geral, a legislação associa a obrigação de intervenções arqueológicas preventivas, a disciplina desfruta da oportunidade única para registar informação essencial a esta investigação. Esta situação não deixa de ser caricata, dado que serão os tantas vezes contestados projetos de reabilitação e intervenção urbana em curso, a constituir o motivo dos trabalhos de Arqueologia preventiva que podem alicerçar, de uma forma integralmente nova, a investigação sobre a história da cidade.

Bibliografia citada

- ALARCÃO, Jorge (2008) – *Coimbra: a montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- ALMEIDA, Sara; SILVA, Ricardo Costeira da (2017) – *Intervenção de Arqueologia Preventiva Acompanhamento Arqueológico da Reabilitação / Remodelação de edifício de habitação e comércio Rua da Moeda, nº 24 a 28 (UFC | SC – Coimbra)*. Relatório final de trabalhos arqueológicos.
- BASÍLIO, Lília; ALMEIDA, Miguel (2010) – Arqueologia do edificado em contexto de Arqueologia preventiva: o exemplo da Baixinha de Coimbra (Portugal). *Arqueología de la Arquitectura*. 7, pp 129–146.
- BASÍLIO, Lília; FERREIRA, Carlos; DIAS, Gina (2016) – *Metro Mondego – Baixinha de Coimbra (Rua Direita/ Largos das Olarias)*. Relatório final de trabalhos arqueológicos.
- GINJA, Mónica (2008) – *Projecto de inserção do metro ligeiro do Mondego. Relatório final da 1ª e 2ª fases de intervenção*. Relatório final de trabalhos arqueológicos.
- LOBO, Rui (2006) – *Santa Cruz e a Rua da Sofia: arquitectura e urbanismo no século XVI*. Coimbra: Universidade.
- MACEDO, Marta (2006) – A conquista do terceiro espaço. Uma abordagem ao ensanche oitocentista de Coimbra. *Monumentos*. 25, pp. 122–129.
- NEVES, Maria João; BASÍLIO, Lília; NUNES, Susana (2006) – *Intervenção de Arqueologia Preventiva – Prospecção Arqueológica Prévia – Sondagens Arqueológicas do Metro ligeiro do Mondego (Sta. Cruz, Coimbra)*. Relatório final de trabalhos arqueológicos.
- ROSSA, Walter (2001) – *Diversidade: urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*. Dissertação de Doutoramento em Arquitetura (Teoria e História da Arquitetura), FCTUC.

SANTOS, Filipe (2009) – *Sistema de mobilidade do Mondego na área compreendido entre a Rua Direita e a Avenida Aeminium/ Baixinha de Coimbra (Coimbra)*. Relatório final de trabalhos arqueológicos.

SOARES, Sérgio Cunha (2001) – *O município de Coimbra da Restauração ao Pombalismo, Volume 1 – Geografia do Poder Municipal*. Coimbra: CHSC.

TRINDADE, Luísa (2002) – *A casa corrente em Coimbra, dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna*. Coimbra: Câmara Municipal.